

***Recensão do livro A Construção do Ator
Securitário Europeu: a Hora das Escolhas,
Lisboa, Chiado Books, 2017.
ISBN: 9789895215706***



Nestes breves minutos, que em nada esgotam tudo o que teria para dizer, deixo três apontamentos, que se articulam e reforçam mutuamente, sobre: a autora; o contexto; e o texto.

A Autora

As obras são como filhos (intelectuais): a autora transmite o seu legado genético à obra (sem que tal comprometa o rigor e objetividade que a investigação exige). Também porque são exigentes, dão muito trabalho, colocam-nos desafios, são curiosos, questionam os pais sobre o porquê das coisas. ..., mas sobretudo só podem crescer fruto de uma profunda liberdade.

Para lá de todos os atributos referidos, permitam-me (permita-me antes de mais a Liliana) relevar um traço indelével da autora (presente na obra): a capacidade de nos surpreender quando escreve criativamente um livro sobre um tema que nos faz pensar como pessoas e seres éticos, que faz parte do plano nacional de leitura (certamente mais

impactante para os jovens leitores do que terabytes de notícias no espaço virtual), quando remata uma conferência com a declamação de um poema sobre ser Europa, ou uma tese, com o poema *Child of Europe*. ...Em contexto multicrítico necessitamos deste apelo ético centrado na pessoa e desta capacidade de surpreender para transformar.

O Contexto

O contexto foi bem dissecado pelas comunicações que me precederam. A obra é assim publicada num tempo iniciado por uma primeira fase de reflexão após uma década da operacionalização da política (da primeira Missão da EU em 2003 ao Conselho Europeu de Dezembro), cujo imperativo de “reforma” (em rigor não efectiva reforma, mas cumprir o que já era uma necessidade em 2003) é acelerado pelo nexos *in/out* Brexitump e ainda pelo comportamento da Rússia. Nas palavras de Luís Lobo-Fernandes, um “contextos de incertezas”, em que proliferam desafios que “colocam o projeto de integração europeia sob enorme pressão, questionando-se mesmo a sua viabilidade.” “Encontramo-nos, pois, na fase mais crítica da integração europeia desde a criação da CECA, em 1951”. Vale a pena lembrar Jean Monnet quando afirmava que a Europa seria forjada nas crises e seria a soma das soluções para essas crises. Também o institucionalismo histórico nos fala sobre as *critical junctures* (momento crítico, disruptivo, ponto de viragem), situações de incerteza, em que as decisões de actores importantes têm efeitos de longo prazo no ambiente, podendo ser oportunidades de mudança. Como subintitulado na obra de Liliana Reis: é “hora das escolhas”.

O Texto

Obra dedicada a uma *Child of Europe*, premiada (prémio José Medeiros Ferreira) por ser inovadora e susceptível de interessar um público vasto nos temas europeus.

A inquietação intelectual catalisadora da investigação, nas palavras da autora, “prende-se com a questão de saber, que tipo de poder é e pretende ser a UE, e de que forma a Política Comum de Segurança e Defesa contribuiu para a redefinição deste ator no sistema internacional.”

Na intelecção de um fenómeno complexo, a autora clarifica e tem o atento cuidado de legibilidade (consciente de que o livro é um serviço ao outro), veja-se, por exemplo, a representação gráfica (de síntese analítica conclusiva): “a estrutura de poder no seio da UE ... definida como um escaleno em que as medidas dos três lados são diferentes”; evolução da conceptualização do poder da UE para traduzir “soft power with a hardcore and a normative head” (as matrizes têm um efeito *spill over*, porque ultrapassam os limites da temática da PCSD, podendo ser aplicadas para lá da mesma – deixo o repto aos jovens investigadores presentes neste auditório).

Para responder à inquietação, três eixos sustentam o dissecar da PCSD, uma política tardia, impedida de nascer mais cedo pelos tabus internos que a circiaram, pela presença americana e pelo contexto de Guerra Fria que não lhe foram favoráveis:

- Mapeamento teórico e conceptual eclético necessário para apreender a besta, um fenómeno complexo pela sua polissemia, hibridez e particularidade Como recomendado pela autora: “sugerimos que se deve rejeitar a mono-causalidade dos factos e atos internacionais diante da complexidade internacional, e mais especificamente europeia, e diante da própria necessidade científica de explicação de um fenómeno de natureza *sui generis*.”

- *Process tracing* histórico da emergência e consolidação da política nas várias vertentes: histórica, político-institucional, estratégica, material (capacidades), operacional e internacional

- *Assessment* de um ator dilemático (e não me reporto apenas ao ponto 2 do capítulo 7). Uma avaliação lúcida, completada por uma rejeição do “fatalismo que se gerou à volta da política” e por um olhar “posto no futuro”.

E fica o *statement* da autora: “A Política Comum de Segurança e Defesa apresenta-se como um vetor fundamental para a afirmação da União Europeia como ator global”). E também o seu apelo: “Para ultrapassar as dificuldades e regressar ao «caminho seguro» da integração, que foi, é, e continuará a ser um dos fundamentos da paz europeia, teremos que voltar a demonstrar que a União Europeia é indispensável para responder aos imperativos da segurança e da defesa macrorregionais.”

E a inquietação que encetou a investigação dá origem a novas inquietações, como seria de esperar de um processo intelectualmente profícuo: “Num mundo globalizado, em rápida mutação, não deve a Europa desempenhar um papel estabilizador num sistema internacional de anarquia madura e redes complexas e constituir uma referência essencial de paz para inúmeros países e povos? Como consegui-lo?” (e sublinho o “como”, porque aqui se encontra o desafio comum às comunidades científica e política)

Concluo com um convite à leitura da obra de Liliana Reis.

Ana Paula Brandão, PhD
Universidade do Minho